

ÍNDICE

EDITORIAL.....	5
----------------	---

NOS 500 ANOS DE CAMÕES

RE-VELANDO OS <i>LUSÍADAS</i> Abel de Lacerda Botelho	8
DOIS PASSOS ATÉ CAMÕES Carlos Aurélio	14
DA PRESENÇA CAMONIANA NAS ORIGENS DO NACIONALISMO ALEMÃO OITOCENTISTA César Tomé	18
RETRATOS EM VOLTA DA AUSÊNCIA: CAMÕES E AS ARTES PLÁSTICAS, UMA PERSPECTIVA RECENTRADA Eduardo Paz Barroso	25
REVERÊNCIA DE BOUCHARLAT A CAMÕES (O EPISÓDIO DO ADAMASTOR) Isabel Ponce de Leão	32
CAMÕES HOJE Jorge Chichorro Rodrigues	39
QUEM É O ADAMASTOR? José Madeira	42
EVOCAÇÃO HISTÓRICA DE LUÍS VAZ DE CAMÕES E DA SUA OBRA LITERÁRIA Nuno Sotto Mayor Ferrão	46
CAMÕES, ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA E O <i>AMPHITRUO</i> DE PLATO Pedro Martins	53
OS <i>LUSÍADAS</i> OU QUANDO O ARQUÉTIPO SE REALIZA NA HISTÓRIA Pedro Sinde	71

BASÍLIO TELES, 100 ANOS DEPOIS

AFINIDADES E CONTRASTES ENTRE O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE BASÍLIO TELES E O DE TEÓFILO BRAGA António Braz Teixeira	78
BASÍLIO TELES E O ANTI-ATOMISMO Carlos Fiolhais	83
BASÍLIO, BRUNO E JUNQUEIRO: A CRISE E A SUPERAÇÃO Joaquim Domingues	90
BASÍLIO TELES E A HISTÓRIA José Esteves Pereira	95
NOTAS BREVES SOBRE O PENSAMENTO ECONÓMICO DE BASÍLIO TELES José Luís Cardoso	101
BASÍLIO TELES E A IDEIA DE TEMPO Manuel Cândido Pimentel	105
ENTRE BASÍLIO TELES E JOSÉ MARINHO: O HUMANO E O DIVINO Renato Epifânio	111
O PROBLEMA DO MAL EM BASÍLIO TELES Samuel Dimas	116

AGOSTINHO DA SILVA, 30 ANOS APÓS A SUA PARTIDA

AGOSTINHO DA SILVA. DO SEU PASSAMENTO HÁ TRINTA ANOS Artur Manso	122
AGOSTINHO DA SILVA, UM SER VINDO DO FUTURO Fernando Dacosta	126
AGOSTINHO DA SILVA, O PORTUGUÊS À SOLTA Jorge Chichorro Rodrigues	129
ATUALIDADE DO PENSAMENTO DE AGOSTINHO DA SILVA NA REFLEXÃO SOBRE O TRABALHO CONTEMPORÂNEO José Acácio Castro	133
CONVERSANDO E VADIANDO, VADIANDO E CONVERSADO COM AGOSTINHO DA SILVA Juliana Santos	139
NO QUE RESULTA A <i>FORÇA DE DESTINAÇÃO</i> DE AGOSTINHO DA SILVA Lúcia Helena Alves de Sá	143
LINHAS COM AGOSTINHO DA SILVA Luis de Barreiros Tavares	147
ESPIRITUALIDADE DE AGOSTINHO DA SILVA Renato Epifânio	149

OUTROS VULTOS

ANTÓNIO QUADROS António Aresta	152
COUTO VIANA António Leite da Costa	154
EUGÉNIO LISBOA Isabel Ponce de Leão	157
FERNANDA DE CASTRO Mafalda Ferro	165
FRANCISCO DA GAMA CAEIRO Maria Leonor Xavier	169
JOSÉ CARLOS VENÂNCIO J.A. Alves Ambrósio	176
JOSÉ MARINHO Luís Furtado, João Seabra Botelho e Francisco Moraes Sarmento	179
NUNO JÚDICE António José Borges	182
PEPETELA César Tomé	184

OUTROS VOOS

PATRIZIO TRAMPETTI, UM ARTISTA MODERNO OU <i>O IDEAL DA CONSCIÊNCIA E O DINAMISMO DA MÚSICA E DO CANTO</i> António José Borges.....	196
ENTRE CORSINO FORTES E FRIEDRICH NIETZSCHE: DOIS POETA-PENSADORES (ES)CULTORES DE PALAVRAS-SÍMBOLO	
E MESTRES DA LEITURA E DA ESCRITA COMO ARTE DE RUMINAR Eter Manuel Carlos.....	199
EDUCAÇÃO, VALORES E COMPLEXIDADE: HORIZONTES DE CULTURA Emanuel Oliveira Medeiros	203
UMA FERIDA POR CAUTERIZAR E O ERRO DA FILOSOFIA PORTUGUESA Pedro Sinde	209
DEAMBULAÇÕES PRÓ-LUSÓFONAS Renato Epifânio.....	212
AUTOBIOGRAFIA 14 Samuel Dímas.....	215

EXTRAVOO

Prioridades para a cooperação na CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa):
de **Carlos Mariano Manuel** (Angola), **Paulo Pereira** (Brasil), **Eter Manuel Carlos** (Cabo Verde), **Lúcio Sanhá** (Guiné),
Delmar Maia Gonçalves (Moçambique), **Alice Goretti de Pina** (São Tomé e Príncipe) e **Ivona Nakak Borges** (Timor) 230
Discurso de Agradecimento de **Carlos Mariano Manuel** pelo Prémio MIL Personalidade Lusófona 2023..... 237

PERIÓDICOS ETERNOS

A GAZETA DO ROSSIO & A GAZETA D'ALMADA OU O TELESCÓPIO PORTUGUÊS | Pedro Vistos..... 242

BIBLÍÁGUO

<i>FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO</i> António Braz Teixeira.....	248
<i>A HERESIA PORTUGUESA</i> Miguel Real.....	255
<i>O ESPÍRITO CONTEMPORÂNEO</i> António Aresta.....	256
<i>ORTEGA Y GASSET: A VIDA AO SERVIÇO DE SI MESMA SOB A FORMA DE RAZÃO</i> Renato Epifânio.....	261
<i>HENRIQUE GABRIEL: IMAGÉTICA DO PENSAMENTO & PINTURA OBJECTUAL DE CULTO</i> José Manuel Anes..	262
<i>A INCOERÊNCIA DOS FILÓSOFOS</i> Maria Leonor Xavier	263
<i>TRATADO DE VERSIFICAÇÃO PORTUGUESA</i> Júlio Amorim de Carvalho.....	266
<i>A ESCRITA DO SUDOESTE OU CÓNIA: UMA ESCRITA PRÉ-ROMANA A SUL DA LUSITÂNIA</i> Rui Martins	268
<i>ADEUS POR HOJE... CARTAS DE LUZIA PARA FERNANDA DE CASTRO E ANTÓNIO FERRO</i> Mafalda Ferro	270
<i>DO QUE NÃO EXISTE</i> Natália Constâncio.....	272

POEMÁGUO

À EXPEDIÇÃO LUSITÂNIA; CAMÓES, NOS SEUS 500 ANOS Renato Epifânio.....	7
KRIOLU Vera Duarte	76
LIBERDADE Susana Marta Pereira	77
O HERMENEUTA DE CEUTA; NUMA LÁPIDE EM SEVILHA Jesus Carlos.....	120
PARA ALÉM DAS PORTAS COLOSSAIS António José Borges.....	121
ODE A ÁLVARO DE CAMPOS; ODE A RICARDO REIS Alexandra Barreiros.....	150
ARTESANATO; ÁGUA DO RIO Joel Henriques.....	194
ÉS TU Maria Leonor Xavier.....	195
MAR; DESCONSTRUÇÃO; A FILOSOFIA DA MINHA POESIA Samuel Dímas.....	228
CAMÓES; A PEDRO HOMEM DE MELLO; ASSIM, LEMBRO E ESCREVO Manoel Tavares Rodrigues-Leal	241

MORADAS: CADerno POÉTICO E VISUAL

Poemas de Jaime Otelo; Ilustrações de Gonçalo Dias

MEMORIÁGUO (p. 284), **MAPIÁGUO** (p. 285), **ASSINATURAS** (p. 285), **COLECÇÃO NOVA ÁGUA** (p. 288)

EDITORIAL

Quinhetos anos após o seu nascimento, Camões tem-se tornado, cada vez mais, um nome controverso. O que não surpreende. Mais cedo ou mais tarde, a crescente vaga de criminalização da nossa história haveria de atingir aquela que continua a ser a sua mais ígnea e egrégia voz. Se, como a emergente ditadura politicamente “correcta” – tão “correcta” quanto acéfala – pretende, a nossa história foi, de facto, uma sucessão de crimes – com a colonização e a escravatura à cabeça –, então, com efeito, como homenagear hoje aquele que, mais e melhor do que ninguém, a celebrou? Por mais que a crescente vaga de criminalização da nossa história continue a impingir-nos a tese de que a colonização e a escravatura começaram com os *lusiadas* celebrados por Camões, só os incautos se deixam impressionar por tamanho equívoco. Por mais que essa emergente ditadura politicamente “correcta” – tão “correcta” quanto ignorante – pretenda instituir essa verdade “alternativa” como um facto histórico, nós, na *Nova Águia*, não nos deixamos impressionar. Nem, muito menos, atemorizar. E por isso celebramos aqui, sem qualquer complexo, Camões e os nossos heróis – não vilões – do mar...

Para além de Camões, avultam no trigésimo quarto número da nossa Revista os nomes de Basílio Teles – publicamos aqui os textos apresentados num Colóquio que se realizou em 2023, nos cem anos do seu falecimento, por iniciativa do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira – e de Agostinho da Silva, este, também, um nome que importa recordar e celebrar nos dias de hoje. Nos trinta anos da sua partida e

no meio século da Revolução que pôs fim ao regime do Estado Novo, Agostinho da Silva aparece-nos, cada vez mais, em contra-corrente. Insuspeito de alguma vez ter sido apoiate do regime deposto, nem por isso Agostinho da Silva se deixou arrastar e afogar pelos novos “mitos” entretanto emergentes: desde logo, o da descolonização dita “exemplar” e o do nosso destino (exclusivamente) europeu.

Porque, tal como Agostinho da Silva, reconhecemos que há uma cultura de língua portuguesa que extravasa em muito o espaço europeu, também neste número da *Nova Águia* damos voz a “Outros Vultos” da cultura lusófona e, em “Outros Voos”, como sempre, fazemos outras abordagens dessa nossa plural cultura comum. Depois, em “Extravoo”, publicamos os textos apresentados no II Encontro do Observatório SEDES da CPLP/ IX Congresso MIL da Cidadania Lusófona; em “Periódicos Eternos”, recordamos mais dois títulos esquecidos; e, no “Bibliágui”, destacamos uma dezena de obras publicadas recentemente, várias delas com a chancela da *Nova Águia* e do MIL: Movimento Internacional Lusófono.

A Direcção da *Nova Águia*

Post Scriptum: Dedicamos este número a Vamireh Chacon (1934-2023), insigne filósofo brasileiro, recentemente evocado na *Nova Águia* (números 30 e 31), e a João Tavares (1949-2024), companheiro filosófico de António Telmo e sócio honorário do MIL.

RE-VELANDO OS LUSÍADAS¹

Abel de Lacerda Botelho

O fonema (som) da pronúncia do nome Luiz Vaz de Camões e do título do livro *Os Lusíadas* incrustaram-se na minha memória desde tenra idade. Originados pelas palavras de meus pais, de meu avô paterno, e de meu irmão mais velho, que várias vezes lembravam um e outro, durante os serões familiares que preenchiam noites ora invernosas ora primaveris transmontanas.

Enquanto minha mãe me deliciava com as várias descrições bíblicas do *Antigo Testamento* e da Mitologia Greco-Romana, meu avô e meu pai variadíssimas vezes liam e comentavam largas estâncias d'*Os Lusíadas*.

Quando festejei sete anos de idade, meu avô ofereceu-me aquele que seria o primeiro exemplar que tive d'*Os Lusíadas*, e iniciou-me na compreensão da poesia, e da história Lusa nesse livro descrita. Ainda guardo essa edição na biblioteca, ao lado de uma outra que recebi como prémio, em 14 de Dezembro de 1957, atribuído pela Junta de Província de Trás-os-Montes e Alto Douro, concedido ao terminar o 3.º ano liceal (hoje 7.º ano), no Liceu Nacional de Camilo Castelo Branco – Vila Real.

Esse exemplar de *Os Lusíadas* é uma edição organizada por Emanuel Paulo Gomes (Académico Permanente do Instituto de Coimbra) publicada pela Porto Editora e em 3.ª edição. Tão criteriosa e lectivamente bem planificada ela é – com anotações e índices explicativos profusamente elaborados –, que ainda hoje (passados quase sessenta e cinco anos) por vezes a consulto.

Por essa razão, a “ressonância” da poesia de Luiz de Camões, veiculada por *Os Lusíadas*,

acompanhar-me-á pela vida fora, e de tempos a tempos invade a caixa sonora do meu pensamento e do meu subconsciente. Nos cinco anos que passei na Universidade de Coimbra (1961-1966), frequentando a Faculdade de Direito, li documentos e livros antigos relativos a *Os Lusíadas* e a Camões, que nessa altura se podiam requisitar e estudar na “Biblioteca Velha” da Universidade, em plenos “Gerais”. Ecoam ainda na minha memória alguns comentários que sobre *Os Lusíadas* fiz então com alguns colegas de Faculdade. Para tentar “desvendar” certos episódios históricos ali descritos, isso levou-nos à necessidade de estudarmos hermeneuticamente essas passagens e a dar os primeiros passos no entendimento da Arte e Ciência Heráldica, na tentativa de melhor entender e compreender a razão de ser – e seu significado – dos “Nomes de Família e Clãs Lusitanos”, incluindo respectivos brasões, dessa forma procurando vislumbrar a raiz e razão de ser dos nossos cromossomas atlante-lusitanos.

De facto, para entender as “Armas e os Barões assinalados”, que habitavam a “Occidental praia Lusitana”, não o conseguíramos fazer se não soubéssemos quais as origens dessas “Armas”, desses “Barões”, desses “Brasões”. Pessoalmente, quanto mais me embrenhava na floresta do “entendimento” de *Os Lusíadas*, mais me sentia ignorante e perdido dentro das “sombras” dessas árvores seculares familiares. Frequentando a Biblioteca dos Cónegos Regrantes de Santa Cruz, várias vezes indaguei com vista a encontrar alguma luz que me possibilitasse ler melhor o livro de Camões.

Nessas alturas, sente-se por vezes que, “ocupando o mesmo Espaço”, o “Tempo pára”. E, assim, as condições acústicas do Templo melhor proporcionam a ressonância do som e o

¹ Excerto da Introdução à obra com o mesmo nome (Atlântida Nova, 2017).

OS LUSÍADAS OU QUANDO O ARQUÉTIPO SE REALIZA NA HISTÓRIA¹

Pedro Sinde

As obras clássicas podem ser lidas, tradicionalmente, segundo três graus de interpretação: o literal, o moral e o espiritual. No caso d'Os Lusíadas, a *leitura literal* é o nível da História de Portugal e da viagem do Gama; já a *interpretação moral* aparece nos episódios em que se cruza a História com a acção dos deuses e também, explicitamente, no final de cada canto, como o leitor poderá verificar nos versos seleccionados e respectivos comentários de Auxília Ramos e Zaida Braga; finalmente, a *interpretação espiritual* aparece-nos, por exemplo, no episódio da Ilha dos Amores, num espaço e num tempo que rompem com o plano histórico, como sempre acontece na manifestação do sagrado.

Podemos ainda dizer que, n'Os Lusíadas, a leitura literal diz respeito ao passado, na medida em que se trata de um relato dos feitos dos portugueses; a interpretação moral aponta para o presente, já que se põe como modelo da acção ou do comportamento do leitor na época em que ele se encontre; a interpretação espiritual visa sobretudo o futuro ou a vida espiritual do homem. É claro que os três níveis não são estanques, eles interpenetram-se; trata-se apenas de tendências.

A obra que o leitor tem entre mãos aborda directamente o nível moral de interpretação da epopeia camoniana e, por isso, visa a acção presente. Se o nível histórico é presa do passado, já o moral e o espiritual são elementos mais perenes, podendo revestir-se deste ou daquele episódio com certa liberdade e autonomia. O que dá perenidade a uma obra são justamente

os elementos moral e espiritual. Do nível literal para o moral dá-se um desprendimento, quer dizer, a leitura moral – seja explicitada pelo próprio Poeta, seja deixada implícita nos episódios narrados – sobrevive à História; uma virtude como a humildade, por exemplo, pode ser sugerida ou revestida por episódios variadíssimos e, por isso, o nível de interpretação moral é já dotado de uma certa autonomia em relação à letra, como muito bem demonstram, de resto, os comentários das autoras, que o leitor poderá encontrar a seguir. E é neste sentido que os comentários e a selecção que se seguirão são preciosos, pois vêm mostrar de que modo Os Lusíadas permanecem actuais.

Deste ponto de vista, mesmo num tempo em que tudo parece relativo e perecível, talvez a forma mais fecunda de receber d'Os Lusíadas aquilo que é perene ou insusceptível de modificação seja a de pensarmos nesta viagem dos portugueses como a viagem de cada um de nós, isto é, a de nos fazermos nós mesmos nautas do mar da nossa alma, enfrentando os perigos interiores, tornando-nos dignos da Ilha dos Amores, depois de termos ido à “Índia da nossa alma” ou, para me servir de uma bela e significativa expressão de Agostinho da Silva, depois de irmos “à Índia sem sair de Portugal”. Poderemos, então, procurar descobrir o que é ou quem é o Gama ou Vénus, em nós, e quem é, em nós, o Adamastor ou Baco e ainda o significado da chegada à Índia ou das guerras e das alianças de permeio, bem como a transcendência do episódio da Ilha dos Amores. Deste modo, a epopeia – moral ou espiritualmente – é sempre passível de “actualidade”, pois transporta a história contada no exterior para o interior do leitor e a história colectiva para a vivência

¹ *Pistas para uma leitura d'Os Lusíadas*, prefácio à obra: *Lições d'Os Lusíadas*, de Auxilia Ramos e Zaida Braga. Famalicão: Centro Atlântico, 2011, pp. 7-23.

AFINIDADES E CONTRASTES ENTRE O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE BASÍLIO TELES E O DE TEÓFILO BRAGA

António Braz Teixeira

1. A leitura hermenêutica a que, até agora, procedi das obras filosóficas de Basílio Teles (1856-1923) e de Teófilo Braga (1843-1924)¹ revelou-me haver significativas afinidades ou convergências entre o ideário especulativo do pensador portuense e o do lente açoriano, sem prejuízo daquilo em que os caminhos reflexivos por um e outro trilhados divergem ou não coincidem.

Figuras exemplarmente representativas das duas linhas que vieram a distinguir-se no movimento republicano português, a primeira de carácter mais espiritualista ou idealista, inspiradora da fracassada tentativa revolucionária portuense de 31 de Janeiro de 1891, e a segunda, de inspiração positivista, triunfante em 5 de Outubro de 1910 e que conduziu Teófilo à presidência do governo provisório (no qual Basílio recusou participar), têm em comum, no plano especulativo, o perfilharem ambos uma compreensão científicista da Filosofia e uma sua necessária dependência da ciência, o partirem de uma gnosiologia de carácter sensista, o acolherem uma onto-cosmologia de carácter monista, materialista e evolucionista e uma resposta ateísta ao problema de Deus, se bem que com diversos fundamentos, e a consequente recusa crítica da religião, mais radical no autor das *Origens poéticas do cristianismo* e reduzindo-a a uma dimensão moral e imanente, no autor do *Livro de Job*. O facto de Basílio Teles haver colaborado na revista portuense *O positivismo* (1878-1882),

dirigida por Teófilo Braga e Júlio de Matos e o de o escritor açoriano lhe ter sobrevivido não pode fazer esquecer a diferença de idade que os separava (13 anos) e a circunstância de a obra de índole especulativa do professor do Curso Superior de Letras ter precedido de cerca de três décadas a do solitário pensador nortenho.

Com efeito, se esquecermos o singular ensaio *Poesia do Direito* (1865), escrito quando o jovem micaelense contava apenas 22 anos e frequentava ainda o curso jurídico, a parte mais significativa da sua obra reflexiva foi publicada entre 1877 e 1892², enquanto a do pensador portuense veio a lume entre 1912 e 1921³.

O decénio e meio que separa o nascimento dos nossos dois pensadores e o ainda maior lapso temporal que transcorreu entre a publicação das respectivas obras filosóficas ajuda a explicar algumas das mais assinaláveis diferenças entre elas, nomeadamente as referências inspiradoras da reflexão de um e do outro – Comte, no caso de Teófilo, Spencer, no de Basílio.

Por outro lado, para diferenciar as concepções especulativas dos dois autores concorrem, ainda, de forma significativa, o muito diverso nível da respectiva preparação científica, pois, enquanto o pensador portuense frequentou a Academia Politécnica e a Escola Médico-Cirúrgica da capital do Norte, o sábio micaelense, apesar de atento e demorado estudioso das várias ciências da classificação comteana, era jurista de formação.

¹ Cf. A. Braz Teixeira, “O pensamento filosófico de Basílio Teles”, *Os 150 anos do nascimento de Basílio Teles. Actas do Colóquio*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007, pp. 11-20, e “O ideário filosófico de Teófilo Braga”, in *O Pensamento e a Obra de Teófilo Braga*, Porto, UCP, 2019, pp. 61-81.

² *Traços gerais de Filosofia Positiva* (1877), *Origens poéticas do cristianismo* (1880), *História universal* (1882), *Sistema de Sociologia* (1884) e *As lendas cristãs* (1892).

³ *O livro de Job* (1912), *A questão religiosa* (1913), *Prometeu agrilhoado* (1914), *A ciência e o atomismo* (1921?) e *La notion de temps* (1912 e 1921).



ESPIRITUALIDADE DE AGOSTINHO DA SILVA

Renato Epifânio

para a Romana

Houve sempre uma dimensão espiritual no pensamento de Agostinho da Silva, o que desde logo justifica o seu não completo alinhamento com o movimento (tendencialmente mais materialista) da *Seara Nova*, onde Agostinho da Silva começou a emergir, nos anos 30, como uma das figuras axiais da cultura portuguesa do século XX, após a sua formação na Faculdade de Letras do Porto, fundada por Leonardo Coimbra. Já na década de quarenta, os dois opúsculos *O Cristianismo* (1942) e *Doutrina Cristã* (1943) confirmam essa dimensão mais espiritual do seu pensamento, que, partindo do cristianismo, sempre procurou estabelecer pontes com outras formas de espiritualidade, nomeadamente orientais – por mais que, por exemplo, em relação ao budismo, o tivesse definido, nessa altura, como “uma religião de pessimistas e de cépticos” (*O Budismo*, 1940).

Foi, contudo, no Brasil, para onde partiu em meados da década de quarenta – e onde se fixou até ao final da década de sessenta –, que Agostinho da Silva plenamente expressou essa dimensão mais espiritual do seu pensamento, em articulação com a sua “ideia de Portugal” – não enquanto país mas, mais precisamente, enquanto “ideia a difundir pelo mundo”, bem patente em duas obras publicadas na década de cinquenta – *Reflexão à margem da literatura portuguesa* (1957) e *Um Fernando Pessoa* (1959), onde escreveu: “É um Portugal que não tem seu centro em parte alguma e cuja periferia será marcada pela expansão de sua língua e da sua cultura de *Pax in excelsis* que ela levar consigo (...): [é] o Portugal da Hora, o Portugal de Bandarra, de Vieira e da *Mensagem*”. Retomando e desenvolvendo o ideal de Quinto Império de Vieira e Pessoa, Agostinho da Silva

vai assim propor a Pátria de Língua Portuguesa como uma “pátria ecuménica” (*Presença de Portugal*, 1962), em que pudessem conviver harmoniosamente todas as formas de espiritualidade – por mais que, por esses tempos, Agostinho da Silva visse mais no Brasil e não tanto em Portugal o potencial para a concretização desse ideal – como chegou a escrever, ainda na sua *Reflexão à margem da literatura portuguesa*: “...que tome o Brasil inteiramente sobre si, como parte de seu destino histórico, a tarefa de, guardando o que Portugal teve de melhor e não pôde plenamente realizar e juntando-lhe todos os outros elementos universais que entraram em sua grande síntese, oferecer ao mundo um modelo de vida em que se entrelaçam numa perfeita harmonia os fundamentais impulsos humanos de produzir beleza, de amar os homens e de louvar a Deus”.

Nesta passagem, encontramos, em síntese, as três traves mestras dessa dimensão mais espiritual do pensamento de Agostinho da Silva – a saber: I) uma concepção de espiritualidade que não se afirma por contraposição à materialidade, já patente nos dois opúsculos *O Cristianismo* (1942) e *Doutrina Cristã* (1943); II) uma concepção de espiritualidade que se concretiza sobretudo como um “modelo de vida”, mas numa lógica de exemplarismo ético e não, de todo, numa lógica de proselitismo; III) uma concepção de espiritualidade que não ignora nem, muito menos, despreza o contexto histórico-cultural, antes pelo contrário. Daí, enfim, a sua recuperação da “Teoria das Três Idades (do Pai, do Filho e do Espírito Santo)”, de Joaquim de Flora, e a sua atenção, muito particular, ao “Culto do Espírito Santo” – na sua perspectiva, um dos traços mais distintivos da cultura de língua portuguesa, diríamos hoje, da cultura lusófona.